

QUALQUER PREÇO

MEU, MAS COM MUITO SUOR E LÁGRIMAS TAMBÉM PORQUE É MUITO DIFÍCIL CORTAR DESPESAS”

“PROMETO UM ANO DE CORREÇÃO. PROMETO UM ANO DE PREPARAÇÃO. PROMETO UM ANO DE DUREZA DE QUEM TEM UM CORAÇÃO INSENSÍVEL. É UMA DUREZA DE QUEM SABE QUE O CORAÇÃO PODE SER BASTANTE SENSÍVEL, MAS QUE, EM CERTOS MOMENTOS, A RAZÃO IMPÕE DECISÕES”

FERNANDO HENRIQUE, Presidente da República

FHC PREVÊ ANO DIFÍCIL DEPOIS DE ANUNCIAR A CRIAÇÃO DO MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO

Um discurso cheio de recados. O presidente Fernando Henrique Cardoso previu ontem para uma platéia com cerca de 300 empresários que 1999 será um ano de “dureza, correção, preparação” e não de “facilidades”. Afirmou que levará adiante “custe o que custar e de forma tenaz e prioritária” o combate ao déficit fiscal e cobrou dos empresários envolvimento direto na aprovação das medidas do ajuste fiscal e das reformas constitucionais que interessam ao país. Disse ainda que será necessário muito suor e lágrimas para garantir o ajuste, porque é difícil cortar despesas. Mas garantiu: “Que ninguém duvide: eu farei.”

Os empresários aproveitaram o lançamento do Programa de Competitividade e Desenvolvimento Sustentável, coordenado pelo Conselho Empresarial Brasil 500 (CEB-500), na sede da Confederação Nacional da Indústria (CNI) para cobrar do presidente a criação de “um canal de comunicação perene” entre governo e o setor produtivo, urgência nas decisões que permitam o crescimento econômico brasileiro e garantia de competitividade para a indústria brasileira. Isto numa semana marcada pelas críticas do empresariado à política econômica.

Em resposta, o presidente anunciou oficialmente a criação do ministério da produção, que vai se chamar Ministério do Desenvolvimento Industrial e reunirá o Ministério da Indústria e Comércio, o BNDES, o Banco da Amazônia e o Banco do Nordeste. Mas deixou claro que o comando da economia não será modificado com a criação da nova pasta.

“Acho que a criação desse ministério é uma coisa que vai responder aos anseios do setor produtivo, vai ser uma peça fundamental para o ajuste fiscal, para a manutenção das nossas políticas macroeconômicas. E portanto não pode ser pensado como se fosse um pólo contrário àquilo que é decisão do presidente. Até porque só os ilusos (iludidos) imaginam que, num governo que é eleito e tem apoio congressional, sejam possíveis definições cruciais sem que elas signifiquem a vontade do presidente”, observou.

Em seguida, reafirmou sua autoridade, respondendo às críticas que o governo vem recebendo. “A vontade do presidente está por trás das deci-

Beto Barata/Photo Agência



Maciel, Fernando Henrique e Antônio Ermírio na CNI: idéias contraditórias para combater a recessão sem perder o rígido controle do déficit público

sões. Portanto, as críticas que forem dirigidas às políticas do governo são dirigidas a mim, porque a responsabilidade é minha. A criação, portanto, desse órgão é decisão minha e não está em discussão. Disse há muito tempo que o faria e farei”.

Esse recado foi para os aliados que criticam a criação da nova pasta, entre eles, o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Ontem, ACM previu que, sem recursos, o Ministério do Desenvolvimento “está fadado ao fracasso”. Ele teme que numa conjuntura de dificuldades, desemprego e recursos escassos esse ministério decepcione. “Parece que é uma panacéia e não será. Não trará resultados imediatos”, disse o senador.

“É preciso que o presidente defina com clareza quais serão as funções desse ministério. Não tem sentido criar uma instituição que terá de sub-

meter-se a outra”, disse o presidente da CNI, Fernando Bezerra, também manifestando desconfiança em relação ao poder que terá a nova pasta.

ESFORÇO

O presidente concordou que o setor produtivo brasileiro não tem condições isonômicas de competitividade com os outros países, porque aqui “os juros são altos, os encargos mais elevados, o sistema tributário perverso e a infra-estrutura inadequada”. Mas criticou a sociedade e os empresários, de assistir da platéia — e sem um maior engajamento — o esforço do governo e de alguns congressistas em garantir, no Congresso, avanços para o Brasil.

“A sociedade parece que assiste, distante, a uma luta de gladiadores e faz assim ou faz assim (fazendo sinais de positivo e negativo com o pole-

gar), conforme o resultado do painel”, comentou. “Mas não dá arma prática na hora da briga para o lutador estar do bom lado”, criticou.

O presidente conclamou os empresários a entrar “na arena”, atuar no dia-a-dia e deixar de lado a retórica. “O dia-a-dia é mais áspero, às vezes solitário, às vezes injusto, às vezes desagradável, mas é com ele que se constrói uma nação.”

Fernando Henrique disse que “trabalha o tempo todo, quase sempre com muito poucos” a seu lado pela aprovação das reformas no Congresso e ressaltou que está empenhado na aprovação da reforma tributária. “Não quero estar sozinho com alguns, quero uma vitória que seja da Nação”, disse. O presidente assumiu a responsabilidade pela derrota sofrida recentemente no Congresso e admitiu que ela deu ao Mercado exter-

no a impressão de que o Brasil não faria mais o ajuste.

Irônico, classificou como “ilusão” imaginar que a decisão de reduzir as taxas de juros caiba exclusivamente à equipe de governo. Em seguida, voltou a lembrar que os juros são regidos pelo mercado interno e externo, “que presta atenção a qualquer gesto”. “Se dependesse de mim, como ainda tenho um ou outro amigo banqueiro, (os juros) seriam de 1%, para remunerar, mas não depende”.

Mesmo mostrando as dificuldades a serem enfrentadas no próximo ano, Fernando Henrique tentou manter o otimismo no discurso de meia hora. “Ora, já começamos a mudar, saímos da situação de inércia diante da inflação”, afirmou. “Por que não vamos enfrentar e com galhardia, com vontade de acertar, com confiança, os problemas que temos?”, perguntou.